

A PEDAGOGIA CRÍTICA NO BRASIL: A PERSPECTIVA DE PAULO FREIRE

Dayanne Vicentini (UEL)

dayannevicentini@hotmail.com

Rosa de Lourdes Aguilar Verástegui (UEL)

rosaguilar@hotmail.com

RESUMO: A pesquisa tem como objetivo central apresentar a perspectiva crítica de educação no Brasil, representada pelo educador e filósofo Paulo Freire. Acreditamos que a pedagogia crítica, voltada à superação de ilusões confortadoras e das relações de poder e desigualdade econômica, poderá auxiliar educadores e educandos a tornarem-se sujeitos questionadores e reflexivos frente à sociedade dominadora em que estamos inseridos. No pensamento freiriano, a educação crítica busca a libertação dos indivíduos e os auxilia na luta pelos seus direitos enquanto cidadãos, para que haja uma sociedade mais justa e democrática. Paulo Freire e Henry Giroux são os principais referenciais utilizados para a constituição deste estudo.

Palavras-chave: educação crítica; criticidade freiriana ; educação emancipadora.

1 INTRODUÇÃO

A expressão educação crítica – ou pedagogia crítica, provém em grande parte do saber acadêmico de Henry Giroux, Ira Shor, Michel Apple, Paulo Freire, Antonio Gramsci, John Dewey, Michel Foucault, Pierre Bourdieu, entre outros. Estes teóricos envolveram-se em estudos relacionados às questões de poder, dominação, opressão, justiça, igualdade, identidade, conhecimento e cultura.

A presente pesquisa tem como objetivo apresentar a perspectiva crítica de educação no Brasil, representada pelo educador e filósofo Paulo Freire. Essa corrente teórica visa de modo geral, expor como se manifestam as relações de poder e desigualdade econômica, social e política em suas complexidades, bem como problematizá-las em espaços educacionais formais e não-formais.

A educação crítica busca realizar conexões entre as práticas educacionais e culturais e a luta pela justiça social e econômica, direitos humanos e uma sociedade democrática, para que se possa ampliar as compreensões críticas e as práticas libertadoras, com o objetivo de buscar transformações sociais e pessoais

progressistas (TEITELBAUM, 2011). Tal atitude implica uma postura voltada à ruptura com as ilusões confortadoras, as quais carregam como pressuposto que os modos em que a nossa sociedade e seus aparatos educacionais estão atualmente organizados podem levar à justiça social. Além disso, uma compreensão mais robusta da pedagogia crítica baseia-se cada vez mais na percepção da importância das inúmeras dinâmicas que sustentam as relações de exploração e dominação em nossas sociedades. Apple, Au e Gandin (2011) a respeito da cultura de dominação, comentam que temas nos quais se remete à política de redistribuição (processos e dinâmicas econômicas de exploração) e à política do reconhecimento – lutas culturais contra a dominação e lutas pela identidade, precisam ser consideradas em conjunto.

Este estudo, ao apresentar o pensamento freiriano acerca de uma pedagogia crítica, busca contribuir para que haja uma educação voltada à libertação do sujeito das amarras dominantes da sociedade vigente, e ao pleno exercício de seus direitos enquanto cidadãos, buscando uma sociedade mais justa, igualitária e conseqüentemente democrática. A pesquisa está dividida em três partes. No primeiro momento, caracterizaremos de modo geral a pedagogia crítica de Freire. Em seguida, discutiremos alguns conceitos chaves de sua teoria como emancipação, problematização e diálogo. No terceiro momento, apresentaremos a criticidade e a conscientização como aspectos indispensáveis para a superação da alienação do sujeito-aluno.

2 A PEDAGOGIA CRÍTICA DE PAULO FREIRE

Como resposta crítica ao que pode ser chamado genericamente de discurso da teoria e prática educacional tradicional, surge na Inglaterra e nos Estados Unidos, há mais de uma década, uma nova visão de observar a sociedade e educação. A questão central em torno da qual ela desenvolveu sua crítica à escolarização de modelo tradicional é: Como tornar significativa a educação de forma a torná-la crítica e emancipadora?

A maioria dos críticos radicais concorda que os teóricos tradicionalistas educacionais ignoram esta questão, pois reproduzem e legitimam as ideologias capitalistas. Podemos enxergar isso claramente no discurso positivista, onde tomam como preocupações mais importantes, “o domínio das técnicas pedagógicas e a

transmissão de conhecimento instrumental para a sociedade existente. Na visão do mundo tradicional, as escolas são simplesmente locais de instrução” (GIROUX, 1997, p.148). Além disso, os teóricos educacionais críticos argumentam que a teoria tradicional suprime questões importantes com relação ao conhecimento, dominação e poder, sendo que a escola não oferece oportunidades de fortalecimento próprio e social na sociedade como um todo.

Sobre o contraste de pensamento entre os intelectuais críticos em relação aos teóricos tradicionais, Giroux (1997, p.148) expõe que,

[...] os educadores críticos fornecem argumentos teóricos e enormes volumes de evidências empíricas para sugerir que as escolas são, na verdade, agências de reprodução social, econômica e cultural. Na melhor das hipóteses, o ensino escola público oferece mobilidade individual limitada aos membros da classe trabalhadora e outros grupos oprimidos, mas, em última análise, as escolas públicas são instrumentos poderosos para a reprodução de relações capitalistas de produção e de ideologias legitimadoras da vida cotidiana.

Para esta nova visão da sociedade e da educação, as instituições escolares são analisadas dentro da linguagem crítica e da dominação.

Dentre as diversas correntes educacionais críticas, desenvolvidas a partir de um processo histórico, por meio de diversos intelectuais, encontramos no Brasil a pedagogia crítica e libertadora de Paulo Freire. Sua teoria educacional desenvolve a idéia de que as formas tradicionais de educação funcionam basicamente para objetivar e alienar grupos oprimidos. Freire explorou a natureza reprodutora da cultura dominante, tendo analisado sistematicamente como ela funciona por meio de práticas sociais e textos específicos. Essa cultura objetiva cumprir a função de produzir e preservar uma “cultura do silêncio” (GIROUX, 1997, p.148).

A pedagogia crítica de Freire pauta-se na capacitação dos estudantes e professores a desenvolverem uma compreensão crítica consciente de sua relação com o mundo. De acordo com Au (2011) essa pedagogia ao desenvolver a conscientização do sujeito, auxilia na capacitação de professores e alunos a se tornarem pessoas cada vez mais conscientes de seu contexto e de sua condição enquanto ser humano.

Henry Giroux baseou seus estudos na perspectiva freiriana de educação e alega que “a obra de Paulo Freire continua a representar uma alternativa

teoricamente renovadora e politicamente viável para o atual impasse na teoria e prática educacional” (GIROUX, 1997, p.145). Freire descartou as ideias emancipadoras em suas versões de filosofia seculares religiosas encontradas no pensamento burguês e integrou de maneira crítica em seu trabalho o legado do pensamento radical, unindo a linguagem crítica com a linguagem da possibilidade.

2.1 A EMANCIPAÇÃO EM PAULO FREIRE

Utilizando a linguagem crítica, Freire construiu uma teoria de educação baseada no relacionamento entre teoria crítica radical e os imperativos do comprometimento e luta radical. A partir de suas experiências realizadas na América Latina, África e América do Norte, ele produziu um discurso acerca da compreensão da complexidade da dominação. Neste caso, ele argumenta que a dominação não se reduz somente a uma forma de domínio de classe, rejeitando a ideia de que existe apenas uma forma universal de opressão. Desse modo, ele reconhece as diversas formas de sofrimento dentro de diferentes campos sociais que se referem a maneiras particulares de dominação, e conseqüentemente, formas diversas de lutas e resistências coletivas (GIROUX, 1997).

Ao reconhecer que, as formas de dominação não são redutíveis à opressão de classes, Freire alega que a sociedade tem uma multiplicidade de relações contraditórias nas quais os grupos sociais podem lutar e se organizar. Vale ressaltar que a dominação é mais do que simples imposição de um poder arbitrário de um grupo sobre o outro. Sobre essa questão, Giroux (1997, p.146) expõe que para Freire,

[...] a lógica da dominação representa uma combinação das práticas materiais e ideológicas, históricas e contemporâneas que nunca tem sucesso total, sempre incorporam contradições, e estão sempre sendo disputadas dentro das relações assimétricas de poder.

Subjacente à linguagem crítica de Freire, há uma compreensão de que a história nunca é predeterminada. Assim como as ações dos homens e mulheres são limitadas pelas pressões a que são submetidos, eles também criam estas pressões e as possibilidades que podem decorrer de seu questionamento (GIROUX, 1997).

A prática educacional na visão de Paulo Freire representa um discurso teórico cujos interesses se formam em torno de uma luta contra todas as formas de

dominação subjetiva e objetiva, assim como uma luta em prol de “formas de conhecimento, habilidades e relações sociais que promovam as condições para a emancipação social e, portanto, a auto-emancipação” (GIROUX, 1997, p. 146). A educação voltada ao olhar de Freire torna-se uma forma de ação que une as linguagens da crítica e da possibilidade, além de representar a necessidade de um comprometimento por parte dos educadores em tornar o político mais pedagógico, ou seja, tornar a reflexão e ação crítica partes de um projeto social que não inclua apenas as formas de opressão, mas também desenvolva uma fé profunda permanente na luta para a superação das injustiças sociais na busca da humanização da própria vida.

Tais aspectos moldam o caráter libertador da pedagogia de Freire, o qual se mantém sobre a afirmação de que retirar do sujeito a sua consciência e remover o seu direito de transformar o mundo, é opressivo. Para que se possa alcançar uma educação autenticamente libertadora, é necessária uma ação consciente a fim de transformar a realidade em que nos encontramos. Au (2011, p.251) elucida que,

[...] a pedagogia libertadora de Freire [...] gira em torno de uma idéia central de ‘práxis’¹ (ação consciente) em que os estudantes e professores tornam-se sujeitos que sabem ver a realidade, refletir criticamente sobre a realidade e assumir uma ação transformadora para mudar essa realidade.

Para que a práxis seja desenvolvida, Freire toma como ponto de partida duas diferentes abordagens: a problematização e o diálogo, os quais se configuram como condições indispensáveis para o exercício da liberdade. Na perspectiva freiriana, a problematização,

[...] é o processo em que estudantes e professores fazem perguntas críticas acerca do mundo em que vivem, sobre as realidades materiais que ambos experimentam cotidianamente e em que refletem sobre quais ações eles podem realizar para mudar essas condições materiais. (AU, 2011, p. 251)

O diálogo é outro ponto central na pedagogia crítica e libertadora de Freire. Em termos gerais, para o autor, o diálogo é parte da história do desenvolvimento da consciência humana, sendo ele o momento em que os seres humanos se encontram para refletir sobre a realidade. Pelo fato do diálogo acarretar uma reflexão ativa com

¹ De acordo com o Dicionário Paulo Freire, a práxis “pode ser compreendida como a estreita relação que se estabelece entre um modo de interpretar a realidade e a vida e a conseqüente prática que decorre desta compreensão levando a uma ação transformadora”. (ROSSATO, 2010, p.325).

relação a outros seres humanos, ele é fundamentalmente social, exigindo um pensamento crítico.

O diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de idéias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 1987, p. 45).

Deste modo, quando estamos em um diálogo, não podemos “depositar” as nossas ideias em outras pessoas, pois se assim for, estaremos tratando-as como objetos, como seres manipuláveis. Aprender por intermédio do diálogo significa “nomear o mundo juntamente com os outros, em um ato social, processo que, por sua vez, o ajuda a entendê-lo por contra própria” (AU, 2011, p.252). A concepção de diálogo de Paulo Freire, também se encaixa na relação particular entre alunos e professores, assim ingressam em uma relação dialógica em que ambos aprendem, onde o fluxo de conhecimento corre em ambas as direções.

No modelo pedagógico crítico e libertador de Freire, alunos e professores não são totalmente “iguais” no sentido de que sua relação seja totalmente raso. O professor mantém sua autoridade e direcionamento no processo de aprendizagem, mas essa autoridade não é autoritária. Essa compreensão requer que não sejamos completamente *laissez-faire*, nem autoritários ou ditatoriais. Em vez disso, os educadores libertários devem ser radicalmente democráticos em sua pedagogia, o que se traduz em ser ao mesmo tempo responsável e diretivo na sala de aula, respeitando os direitos e as capacidades dos estudantes a chegarem às suas próprias conclusões (AU, 2011).

A emancipação humana tratada por Freire deve ser efetivada por meio da práxis, na luta a favor da libertação das pessoas que tem suas vidas desumanizadas pela opressão e pela dominação social.

Esse processo emancipatório decorre de uma intencionalidade política assumida por aqueles que são comprometidos com a transformação das condições de vida e de existência dos oprimidos, contrariando o pessimismo e fatalismo autoritário defendidos pela era pós-moderna. Em **Pedagogia do Oprimido** Freire defende uma pedagogia para homens e mulheres se emanciparem mediante a uma luta pela libertação, que só faz sentido se os oprimidos buscarem a reconstrução de

uma nova sociedade realizando uma tarefa humanística e histórica, libertando a si mesmos e aos opressores (MOREIRA, 2010).

A educação sozinha não tem condições de construir uma sociedade emancipada. A exclusão social, a globalização econômica e as políticas neoliberais excludentes, consolidam um capitalismo que amplia a capacidade de produção de mercadorias, acúmulo de capital e geração de riquezas nas mãos de um grupo minoritário - os opressores/dominadores. Nesse sentido, a educação “deve exercitar processos de emancipação individual e coletiva, estimulando e possibilitando a intervenção no mundo a partir de um sonho ético-político da superação da realidade injusta”. (MOREIRA, 2010, p. 146).

A emancipação defendida por Freire contempla também o chamado multiculturalismo, onde o direito de ser diferente numa sociedade dita democrática, também deve propiciar o diálogo crítico entre as inúmeras culturas, com vistas à ampliação e a consolidação dos processos emancipatórios.

2.2 A CRITICIDADE E A CONSCIENTIZAÇÃO: ASPECTOS INDISPENSÁVEIS PARA A SUPERAÇÃO DA ALIENAÇÃO

Uma das principais denúncias que Freire realiza constantemente em toda a sua obra, é a alienação em que se encontram os indivíduos na sociedade capitalista. Este conceito é entendido como “a perda da condição de sujeito na sociedade” (KIELING, 2010, p.33). Perda esta, que se efetiva nos processos históricos, nos quais reduzem as pessoas a condições desumanas de vida e à exploração que diminuem a capacidade dos homens de ser mais. Desse modo, a alienação para Freire, só tem razão de ser no seu enfrentamento prático e emancipatório.

Na escola, os indivíduos recebem uma educação baseada na consciência ingênua, e para Freire, este é o maior problema do aprendizado na escola. O que fazer então, para superar a alienação dos estudantes? O autor nos traz aspectos indispensáveis, para que o educador crítico trabalhe com seus educandos, de modo a fazer acontecer essa superação.

De acordo com Moreira (2010) um destes aspectos é a criticidade, que para Freire é a capacidade que o educando e o educador tem para refletirem criticamente

a realidade na qual estão inseridos, possibilitando a constatação, o conhecimento e a intervenção para transformá-la. Seu objetivo principal é fazer com que os indivíduos das classes oprimidas possam pensar certo e se constituírem como sujeitos históricos e sociais que pensem de modo crítico, opinem, tenham sonhos e dêem sugestões. Em **Pedagogia do Oprimido**, Freire concebe o pensar certo como primeira condição para superar a curiosidade ingênua, construindo um conhecimento crítico como base para a práxis transformadora. Assim, o pensar certo é o pensar crítico que deve fundamentar a pedagogia libertadora, que “problematizando as condições da existência humana no mundo, desafia para a luta e a busca da superação das condições de vida desumanizadoras” (MOREIRA, 2010, p.97).

Desse modo, a ação e reflexão oportunizam o diálogo e o debate sobre o mundo. O pensar certo, portanto, é o pensar crítico que deve fundamentar uma pedagogia da libertação, que problematizando as condições de vida da existência humana, desafia para a luta e a busca das condições de vida desumanizadoras. O educador necessário para esse projeto deve possuir uma posição de sujeito e não de simples objeto da história. Ele precisa defender de maneira coerente, um processo de libertação que favoreça a “vocação ontológica do ser humano de ser mais”. (MOREIRA, 2010, p.97). O educador também deve refletir e aperfeiçoar continuamente sua prática educativa por meio de um diálogo intenso e aberto com os educandos e uma análise crítica da realidade que busca formar “pessoas críticas, de raciocínio rápido, com sentido de risco, curiosas, indagadoras”. (FREIRE, 2000, p.45).

De acordo com Moreira (2010, p. 98), esses educandos

[...] devem ser capazes de realizar uma leitura de mundo que lhes permita compreender e denunciar a realidade opressora e anunciar a sua superação, com a construção de um novo projeto de sociedade e mundo a ser efetivado pela ação política.

A ação transformadora da sociedade enquanto um exercício constante de criticidade em direção   práxis política consolida-se em práticas educativas que despertam a curiosidade epistemológica dos educandos e contribuem para a construção de uma nova sociedade em favor dos indivíduos e classes oprimidas.

A partir da criticidade, surge a conscientização, outro conceito central na pedagogia de Freire. O homem, inicialmente ocupa uma posição ingênua diante da realidade observada, e então, ao adotar uma posição crítica frente à essa realidade, chega à conscientização.

De acordo com Freitas (2010), a conscientização compreendida como um processo de crítica das relações consciência-mundo torna-se condição essencial para o comprometimento humano frente ao contexto histórico-social. É por meio da conscientização que os sujeitos assumem seu compromisso histórico no processo de fazer e refazer o mundo. A partir disso, Freire (1979, p.15) alerta que,

[...] esta tomada de consciência não é ainda a conscientização, porque esta consiste no desenvolvimento crítico da tomada de consciência. A conscientização implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica.

A conscientização exige um engajamento da ação transformadora, que prepare os homens no plano da ação para a luta contra os obstáculos à sua humanização. (FREIRE, 1987). Para tanto, “a conscientização não pode existir fora da “práxis”, ou melhor, sem o ato ação – reflexão” (FREIRE, 1979, p.15). Esta unidade dialética constitui o modo de ser ou de transformar o mundo que caracteriza os homens. Assim, a conscientização não está baseada sobre a consciência de um lado, e o mundo de outro, muito pelo contrário, ela está baseada na relação consciência-mundo. Nas palavras do autor,

[...] tomando esta relação como objeto de sua reflexão crítica, os homens esclarecerão as dimensões obscuras que resultam de sua aproximação com o mundo. A criação da nova realidade [...], não pode esgotar o processo da conscientização. A nova realidade deve tomar-se como objeto de uma nova reflexão crítica. Considerar a nova realidade como algo que não possa ser tocado representa uma atitude tão ingênua e reacionária como afirmar que a antiga realidade é intocável. (FREIRE, 1979, p. 15 e 16).

Uma educação que visa desenvolver a tomada de consciência e atitude crítica, à qual o homem decide e escolhe, liberta-o em lugar de submetê-lo, de domesticá-lo, de adaptá-lo, como faz com muita freqüência a educação vigente num grande número de países do mundo, educação que tende a ajustar o indivíduo à sociedade, em lugar de promovê-lo. Quanto mais o homem refletir sobre a realidade “sobre sua situação concreta, mais emerge, plenamente consciente, comprometido, pronto a intervir na realidade para mudá-la”. (FREIRE, 1979, p.19).

Implicando na inserção crítica na realidade que se desmistifica, a conscientização é mais do que uma tomada de consciência. Por esse motivo, ela é um projeto irrealizável pela direita, que por natureza, não pode ser utópica. Não há conscientização popular sem uma denúncia radical das estruturas de dominação e sem o anúncio de uma nova realidade a ser criada em função dos interesses das classes dominantes.

A escola, sendo um aparelho ideológico do Estado, tem como função reproduzir e manter a ideologia e a ordem vigente. Isso nos leva a dizer que a escola mantém os alunos apenas no nível superficial da realidade, não chegando a uma compreensão crítica profunda sobre o que torna sua realidade tal como ela é. A respeito da consciência crítica não abordada no sistema educacional em geral, Freire aponta que,

[...] o domínio escolar das palavras só quer que os alunos descrevam as coisas, não que as compreendam. Assim, quanto mais se distingue descrição de compreensão, mais se controla a consciência dos alunos. [...]. Esse tipo de consciência crítica dos alunos seria um desafio ideológico à classe dominante. Quanto mais essa dicotomia entre ler palavras e ler realidade se exerce na escola, mais nos convencemos de que nossa tarefa, na escola ou na faculdade, é apenas trabalhar com conceitos, apenas trabalhar com textos que falam sobre conceitos. Porém, na medida em que estamos sendo treinados numa vigorosa dicotomia entre o *mundo das palavras* e o *mundo real*, trabalhar com conceitos escritos num texto significa obrigatoriamente dicotomizar o texto do contexto. (FREIRE, 1986, p.85)

Uma pedagogia dicotomizada como essa, diminui o poder do estudo intelectual que ajude na transformação da realidade. A escola, reproduzindo os interesses da classe dominante, tornará o homem cada vez mais, escravo de sua própria condição, isto é, um objeto ou meramente uma “coisa”, contribuindo para as permanentes injustiças e desigualdades sociais. A conscientização neste caso seria um elemento essencial para a libertação dos sujeitos, tornando-os críticos conscientes de seu papel em busca de uma sociedade igualitária que preserve a liberdade.

Considerando tais aspectos que moldam o caráter libertador da pedagogia de Paulo Freire, é papel do educador progressista, trabalhar com seus educandos de modo que haja um processo dialógico e problematizador, com buscas à superação de uma educação tradicional baseada na alienação dos indivíduos. É preciso que o

educador se veja como um sujeito histórico e faça com que seus educandos também se vejam como produtos e produtores de sua própria história, tornando-os capazes de criticar, refletir e analisar sua real condição dentro da sociedade, chegando assim à conscientização de forma a superar a alienação frente aos problemas, desigualdades e injustiças sociais, buscando sua emancipação enquanto sujeito.

Considerações Finais

Ao longo da pesquisa, buscamos apresentar a perspectiva crítica de educação no Brasil, representada por Paulo Freire. Desse modo, consideramos que as formas tradicionais de educação funcionam para dominar e alienar grupos oprimidos na sociedade. No entanto, como alternativa de superar esse modelo tradicional de ensino, a pedagogia crítica elaborada por Freire, pode auxiliar na superação e no combate a essas formas opressoras e reprodutoras da cultura dominante.

Por meio dessa pedagogia, é possível capacitar professores e estudantes a desenvolverem uma compreensão consciente sobre sua relação com o mundo e sua condição enquanto ser humano. O diálogo e a problematização, configuram-se como condições essenciais no pensamento freiriano, para o exercício da emancipação e da transformação social.

Em suma, a pedagogia crítica abre caminhos e possibilidades para o sujeito conhecer e exercer a liberdade, tornando-se apto a construí-la responsabilmente buscando a igualdade social, a garantia de seus direitos, o respeito à dignidade humana, o fim das injustiças sociais e da opressão.

REFERÊNCIAS

APPLE, M. W; AU, W.; GANDIN, L. A .O Mapeamento da Educação Crítica. In: APPLE, M. W; AU, W.; GANDIN, L. A (Org.). **Educação crítica: análise internacional**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

AU, W. Lutando com o texto: contextualizar e recontextualizar a pedagogia crítica de Freire. In: APPLE, Michael W; AU, Wayne; GANDIN, Luís A. **Educação crítica: análise internacional**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GIROUX, Henry. **Os professores como intelectuais**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

FREITAS, A.L. Conscientização. In: REDIN, E; STRECK, D.R. ZITKOSKI, J.J. (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FREIRE, P.; SHOR, I. **Medo e Ousadia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

KIELING, J.F. Alienação. IN: REDIN, E.; STRECK, D.R.; ZITKOSKI, J.J. (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

MOREIRA, C.E. Criticidade. IN: REDIN, E.; STRECK, D.R.; ZITKOSKI, J.J. (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

ROSSATO, R. Práxis. IN: REDIN, E.; STRECK, D.R.; ZITKOSKI, J.J. (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

TEITELBAUM, Kenneth. Recuperando a memória coletiva: os passados da educação crítica. In: APPLE, Michael W; AU, Wayne; GANDIN, Luís A. **Educação crítica: análise internacional**. Porto Alegre: Artmed, 2011.